



A escuta analítica e a escuta confessional: Diferenças e aproximações.¹

Fabiano Veliq
Pesquisador - FAJE

Resumo

Na base da experiência religiosa e da experiência psicanalítica, encontra-se o mesmo fenômeno: o sofrimento humano, atormentado por seus conflitos, por seu mundo, por outros homens. Um ser angustiado que se move buscando caminhos para viver melhor consigo mesmo e com os outros. Dessa forma, a experiência religiosa e a experiência psicanalítica aparecem como integradoras de vivências e conflitos desagregadores e, quando bem percorridas, podem produzir uma nova ordem para o homem em que um sentimento novo se apresenta e uma razão nova aparece. O presente artigo tem como objetivo analisar as possíveis relações entre a experiência religiosa e a experiência analítica por meio da noção de escuta propondo algumas diferenças e algumas aproximações entre as duas áreas.

Palavras-chaves: Fé, Escuta, Psicanálise, Religião, Transferência

Introdução

Sabemos que a psicanálise nos propõe que nós enquanto sujeitos só surgimos com a palavra. Antes dela somos apenas um corpo pulsante que não distingue entre o que sou eu e o que é o outro. Essa relação é tipificada na relação entre a mãe e o bebê onde este se sente um com a mãe. Somente quando a palavra entra nesse corpo é que é possível o nascimento do sujeito. Tornar sujeito significa estar submetido a uma separação, significa ser lançado no mundo, significa se colocar diante da realidade de forma que a antiga relação “fusional”¹ com a mãe se mostre para sempre perdida. Essa

1 Artigo submetido ao III Congresso Interdisciplinar de Pesquisa, Iniciação Científica e Extensão Centro Universitário Metodista Izabela Hendrix. Fabiano Veliq. Pesquisador em Pós-doutorado na FAJE.



palavra será a responsável pela nossa separação. É nesse sentido que a instância paterna aparece como a promotora desse corte narcísico que põe fim ao desejo de onipotência da criança de ser o único objeto de amor para a mãe.

Essa palavra que entra em nós é sempre condicionada pelo mundo desse Outro que nos diz essa palavra. Nossos pais nos ensinam a partir da experiência deles o que é o mundo, como ele se organiza, etc. Essa palavra que nos é dita nos orientará por toda a nossa vida e nos fará entrar no mundo da cultura. Nossos pais nos ensinam o que aprenderam de seus próprios pais e a partir daí os ensinamentos vão sendo passados de geração a geração criando um mundo para cada novo indivíduo que nasce.

Metodologia

Para realizar esta pesquisa se propôs uma leitura hermenêutica de textos da tradição psicanalítica bem como da tradição cristã por se tratar de temas em que o diálogo entre as duas áreas se dá de forma extremamente profícua. Neste sentido a metodologia procura evidenciar os pontos de confluências entre as duas áreas e mostrar como que tal diálogo encontra diversas questões similares, mas ao mesmo tempo com enfoques diferentes.

Resultados

A pesquisa chega à conclusão de que as escutas promovidas pela prática religiosa e as escutas analíticas realizadas no consultório podem cooperar mutuamente para promover uma melhor qualidade de vida para o sujeito contemporâneo. No entanto, nossas pesquisas nos levam a ter em mente a diferença antropológica existente em cada



uma das abordagens, a saber, a abordagem da escuta confessional e a abordagem da escuta analítica. Esta diferença precisa ser respeitada para que não se confundam os ambos de atuação entre o padre/religioso e o analista.

Discussão

Nossa fé também é ensinada culturalmente, ou seja, a nossa entrada no mundo religioso será sempre marcada pela nossa cultura, e por isso mesmo será sempre advinda de uma palavra. Nesse sentido que podemos concordar com Paulo quando diz que a fé vem pelo ouvir. (Rm 10,17) Podemos também lembrar que Maria engravidada pela palavra, ou seja, ela se abre para ouvir o que Deus lhe propõe e a partir daí assume tomar posição diante da palavra ouvida e encarar a missão que lhe foi proposta.

A fé que vem pelo ouvir, se coloca então como promovedora de um lançar-se no mundo, nos fazendo como seres separados, que encaram a realidade em que vivemos sem a nostalgia de um retorno a um mundo onde tudo era seguro e certo. A experiência da fé insiste em nos fazer ver a realidade, mas ao mesmo tempo nos permite ver que não se está sozinho para vivenciá-la. Dessa forma que a fé nunca se caracteriza como certeza, mas sempre como dúvida.

A fé, como nos diz Morano (2006) sempre nos coloca em relação a duas palavras. A palavra da instância paterna que nos faz sujeitos, que nos vem da cultura, que nos coloca como seres marcados pela falta, diante de um desamparo estrutural, e a Palavra, essa com "p" maiúsculo, pois vem de fora, vem de um Outro que permanece para sempre escondido, sendo "visto" apenas pelas costas (Ex 33,23). A grande tensão que se estabelece é de não tentar tomar essa Palavra que vem de Deus como resposta à carência



que vem da palavra da instância paterna. Essa Palavra de Deus não visa tampar o buraco da falta, não visa resolver o drama do nosso desamparo estrutural que nos assola enquanto humanos, não visa ser uma resposta ao desamparo, mas visa abrir para nós uma outra dimensão da existência que aceita a contingência, mas nos dá motivos para a esperança de um sentido para a vida.

O desejo infantil de encontrar um objeto que tampe o buraco da falta facilmente cai na tentação de ver em Deus esse objeto e quando isso acontece a religião se torna uma grande ilusão tal como nos disse Freud em obras tais como *O futuro de uma ilusão* (1927) e *Mal-estar da civilização*. (1930) No entanto, sempre é possível uma relação positiva com a religião e com a fé. A partir do momento que compreendemos que Deus não deve ser visto apenas como uma "muleta psicológica", nem deve ficar preso nas fixações infantis de um pai imaginário que detém todo o poder seremos capazes de pensar a nossa relação com Deus de uma forma mais madura.

Obviamente que as representações de Deus como pai ou mãe funcionam de forma a nos permitir vivenciar a nossa experiência com Ele/Ela de uma forma mais pessoal, no entanto é preciso ter em mente que tais representações nunca serão capazes de dizer o que de fato Deus é, nem mesmo devem tais representações tomar o estatuto de "verdade", mas devem permanecer sempre abertas para que não se caia novamente na tentação infantil de suprimir a falta que é estrutural. O Deus da necessidade deve se transformar no Deus do desejo, ou seja, do Deus necessário como sustento para compreender a própria existência ao Deus que surge da aceitação da própria carência. Esse movimento pode ser visto na pessoa de Jesus que mesmo diante do desamparo de Deus, diante de um dos momentos mais tenebrosos de sua vida é capaz de se entregar manifestando assim como revelação de Deus que se revela como amor, como fraco e



não como Deus onipotente desejado pela criança.

A fé que vem pelo ouvir nos chama a uma fé madura, uma fé que não nega a contingência nem a finitude da vida, uma fé que não tem em Deus apenas uma busca por uma segurança ou perdão, mas uma fé que é capaz de se relacionar com Deus a partir do desejo, a partir da falta, mas sempre entendendo que esse Deus não será capaz nunca de suprimir a falta que é sempre estrutural. Como nos afirma Morano, "talvez seja absolutamente necessária a morte de nossas expectativas sobre Deus, como condição de possibilidade para nos encontrarmos autenticamente com Ele." (MORANO, 2006 p. 45)

Percebe-se que a psicanálise e a experiência da fé se ligam de forma bastante fundamental, e por isso diversas vezes essas duas instâncias acabam sendo confundidas. Pela plasticidade que caracteriza a psicanálise vários dos seus conceitos são utilizados por diversas áreas no intuito de se valer deles para a explicação do mundo, das coisas, etc. É muito comum vermos utilização de termos tipicamente psicanalíticos como “recalque”, “mecanismo de defesa” dentre outros para situações da vida comum. Tal apropriação também se dá no âmbito religioso, e não raras vezes ouvimos que há uma similaridade entre a escuta praticada pelo analista e a escuta confessional na tentativa de tornar o padre uma espécie de “analista religioso”. Mas será que podemos entendê-las como sendo iguais? Qual a especificidade da escuta analítica que traz consigo algo para além de um mero conforto para o sujeito?

A Psicanálise, como bem nos lembra Koltai, “além de ser uma terapêutica do sujeito, é também uma teorização da relação que este mantém com o mundo, razão pela qual as transformações sociais interessam à Psicanálise tanto em sua teoria quanto em



sua prática.” (KOLTAI, 2012, p.40). E aqui nesse ponto há uma diferença grande em relação a prática da escuta do padre.

De saída podemos notar que a psicanálise e a religião partem de pressupostos diferentes. Ambas procuram lidar com o desamparo (*Hilflosigkeit*) do ser humano. No entanto, a Religião, para isso, postula um transcendente, um sentido último para a existência de forma que o homem se sinta inserido em uma espécie de plano maior da existência. A Psicanálise, por sua vez, propõe uma análise do inconsciente para que, a partir do próprio conhecimento, o homem lide melhor com seu desamparo estrutural, visando reconciliar o homem com seu desejo; sem transcendente, sem um sentido último, sem promessas, buscando, com suas próprias forças, através da linguagem, acessar as inscrições das pulsões de forma a lidar melhor com o desejo que habita esse homem que sofre. Nota-se que, na base da experiência religiosa e da experiência psicanalítica, encontra-se o mesmo fenômeno: o sofrimento humano, atormentado por seus conflitos, por seu mundo, por outros homens. Um ser angustiado que se move buscando caminhos para viver melhor consigo mesmo e com os outros. Dessa forma, a experiência religiosa e a experiência psicanalítica aparecem como integradoras de vivências e conflitos desagregadores e, quando bem percorridas, podem produzir uma nova ordem para o homem em que um sentimento novo se apresenta e uma razão nova aparece.

Ressaltando estas diferenças, podemos perceber que, nesse sentido, a escuta analítica se diferencia substancialmente da escuta confessional, ou da escuta da relação pastoral promovida pelos padres nas igrejas. O conceito chave para entendermos a escuta analítica é o conceito de transferência. Obviamente que nesse pequeno texto seria impossível abordar todas as nuances de tal conceito que se mostra extremamente



fundamental para entender toda a prática analítica, mas Freud, no posfácio do “caso Dora” oferece-nos uma definição ao mesmo tempo completa e sucinta de tal conceito. Ele nos diz que as transferências são “reedições, reproduções das moções e fantasias que, durante o avanço da análise, soem despertar-se e tornar-se conscientes, mas com a característica (própria do gênero) de substituir uma pessoa anterior pela pessoa do médico.”(FREUD, (1905 [1901])/2006 p. 111) Ou seja, a transferência pressupõe um reviver dos antigos amores e ódios que não se tornaram conscientes, e nesse reviver é capaz de se reaver com o passado e reelaborar a sua vida psíquica lidando com aquilo que foi recalcado. Em seu texto “*Recordar, repetir e elaborar,*” Freud chega a afirmar que na transferência se trata de uma substituição da neurose da qual o sujeito padece por uma “neurose de transferência” a qual poderá ser curada por meio da atuação do terapeuta. Segundo Freud, “a transferência cria, assim, uma região intermediária entre a doença e a vida real, através da qual a transição de uma para a outra é efetuada” (FREUD 1914/2006 vol. XII. p. 169-170) O trabalho do analista será, dentre outros, saber detectar todas essas antigas demandas de amor, ódio, culpa evitando a todo custo responder a elas para que assim elas possam ser objetivadas e modificadas. Essa situação transferencial é onde ocorre a cura psicanalítica. Pela transferência se abre o caminho para a reelaboração, interpretação e em última instância, se abre um caminho para um reviver, no presente, por meio da transferência com o analista, os traumas que não chegaram a ser expressos, para a partir daí buscar uma reestruturação por parte do sujeito.

A extensão do conceito de transferência é um tema muito debatido na literatura psicanalítica, de forma que há autores que afirmam que a transferência se daria apenas no âmbito da análise.ⁱⁱ Para Freud era bem claro que a transferência não era uma



criação, mas antes uma descoberta da psicanálise. Ele chega a afirmar que “Não é fato que a transferência surja com maior intensidade e ausência de coibição durante a psicanálise que fora dela.” (FREUD 1912/2006 vol. XII p 113) Morano afirma que

“A realização dos desejos inconscientes no campo das relações interpessoais está sempre atuante e bastará um “pequeno detalhe” - como afirma Ferenczi” - para que se opere um deslocamento transferencial: um tom de voz, a cor dos cabelos, um nome ou um apelido, uma maneira particular de gesticular... qualquer coisa é suficiente para despertar antigos desejos, antigos temores, para colocar em marcha determinados mecanismos de defesa, para permitir que as defesas comecem a falhar ou mesmo desmoronar. (MORANO, 2003 p. 275) .

Dessa forma podemos perceber que mesmo que não evidenciada da mesma forma, a noção de transferência pode acontecer em situações que não perpassam uma situação analítica, e é nesse ponto que encontramos algumas interseções possíveis com a relação pastoral.

Um dos primeiros psicanalistas não-judeu foi o pastor protestante Oskar Pfister que se tornou amigo pessoal de Freud com quem correspondeu por mais de 30 anos.ⁱⁱⁱ Já no início do movimento psicanalítico houve uma preocupação entre as possíveis associações entre a prática analítica e a escuta pastoral. Freud, em uma carta de 18/01/1909^{iv}, já exalta o fato de as pesquisas psiquiátricas desenvolvidas por ele terem encontrado guarida em uma “cura de almas espiritual”^v. Essa aproximação da Psicanálise a outros setores que não o da psiquiatria muito agrada a Freud, que vê aí uma espécie de avanço da Psicanálise a outros meios.

A relação entre Pfister e Freud, já no início do movimento psicanalítico, evidencia algo que será muito importante para o diálogo entre a psicanálise e a religião que é aquilo que já evidenciamos mais acima, ou seja, que ambas procuram lidar com o sofrimento humano por meio da escuta.



Essa relação tão próxima evidencia que na relação pastoral no meio católico, há algo que se assemelha a prática analítica, mas ao mesmo tempo algo que é completamente diferente. As similaridades envolvem a questão afetiva, a escuta, a relação pessoal entre o fiel e o padre que se assemelha muito com a relação entre analista e analisando, dentre outras coisas. Tais pontos em comum se dá não por um acaso, mas são reflexos da própria estrutura da relação criada entre o fiel e o líder pastoral. No entanto, no século XX, a partir do Vaticano II, ocorrem várias mudanças na forma como se pensa a função do líder pastoral dentro da instituição católica. A própria noção do padre se reconfigura bastante a partir do concílio Vaticano II. A teologia do povo de Deus repensa o papel do ministério sacerdotal e encara o padre várias vezes a partir dos laços de amizade, familiaridade, colaboração fraterna, dentre outros. Neste movimento é fácil pensar que diversas vezes tal relação ainda se manterá dentro da estrutura parental, e não raras vezes vemos surgir diversas dinâmicas que apontam para representações do sacerdote como alguém que deve amar sem limites, estar sempre disponível, etc. mobilizando assim dinâmicas extremamente infantis na relação estabelecida. Ao se pensar na figura do padre como um representante do sagrado e demandar dele a perfeição, percebe-se claramente aí uma relação que tem como pressuposto o funcionamento do supereu do sujeito projetado na figura externa. O guia espiritual se converte nessa figura que desperta todas as exigências de perfeição do supereu. Esse risco também corre o analista enquanto trata o sujeito, mas no caso específico da relação pastoral várias diferenças sobressaem e é um pouco sobre elas que nos ateremos agora.

Primeiramente há de se ressaltar a diferença ontológica entre as duas formas de pensar o mundo. Enquanto na psicanálise o pressuposto é a de um sujeito diante de seus



traumas inconscientes tentando reelaborar a sua vida psíquica sem o auxílio de nenhuma instância metafísica; o pressuposto da relação pastoral envolve uma relação onde há um terceiro envolvido que é a pessoa de Deus. O padre, ao representar ao mesmo tempo a estrutura da igreja e se inserir espiritualmente como um guia para o fiel se coloca em uma relação assimétrica frente ao fiel que o procura.

O próprio nome “padre” já indica uma relação que remete a instância paterna, tão cara a Freud e a psicanálise como estruturante da vida psíquica do sujeito. Embora tais relações na contemporaneidade estejam extremamente abaladas, ainda algo se conserva dessa dissimetria no âmbito religioso, especificamente pensando na dinâmica católica. O catecismo da igreja católica afirma que

No serviço eclesial do ministro ordenado, é o próprio Cristo que está presente à sua Igreja, como Cabeça do seu corpo, Pastor do seu rebanho, Sumo-Sacerdote do sacrifício redentor, mestre da verdade. É o que a Igreja exprime quando diz que o padre, em virtude do sacramento da Ordem, age in persona Christi Capitis – na pessoa de Cristo Cabeça. [...] Pelo ministério ordenado, especialmente dos bispos e padres, a presença de Cristo como cabeça da Igreja torna-se visível no meio da comunidade dos crentes ” (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA 1548-1549)

Percebe-se claramente que o padre não é apenas alguém que escuta e aconselha o fiel, mas está envolto de uma função que é também espiritual e representa de maneira visível a presença de Cristo. Esse caráter metafísico da figura do padre o coloca em uma posição bastante diferente da posição assumida pelo analista. Embora diversas vezes essa vinculação metafísica seja esquecida por parte do fiel no processo, no momento da confissão a própria forma como ela é feita relembra ao fiel que ele não está diante apenas de um outro ser humano, mas sim diante do representante de Deus na Terra que é capaz de absolvê-lo do pecado. Por mais que as relações com os padres tenham se



alterado na contemporaneidade e o caráter mais fraterno se sobressaia nos nossos dias, parece ser algo muito difícil de esquecer a dissimetria entre o padre e o fiel.

Se para o fiel o risco é o de projetar na figura do padre as exigências de perfeição do supereu, por parte do padre há também o grande risco de “em nome de Deus”, o padre durante o aconselhamento fazer interferir de forma abrupta suas concepções, seus próprios preconceitos e com isso provocar uma espécie de culpabilização maior sobre a vida do fiel.

Considerações finais

As profissões do analista e do padre se mostram nesse sentido muito próximas. Ambas lidam com a escuta, com a função de amparar o sujeito diante do seu sofrimento buscando oferecer ao mesmo tempo um consolo e um direcionamento para ele. O fato de ambas as profissões envolver esse contato extremamente próximo com o outro faz com que ambas demandem um preparo muito grande para que a ajuda seja efetiva ainda mais nos casos em que o caos se apresenta de forma crônica. Mas ao mesmo tempo que possuem pontos de encontro, possuem diferenças substanciais, pois o papel do analista não é o mesmo do padre. O analista não deve ser um guia espiritual para o sujeito, não deve se colocar como aquele que será capaz de resolver as questões íntimas por meio de prescrições para o sujeito. Ao mesmo tempo, o analista não representa nenhuma instância metafísica capaz de perdoar o sujeito de seus pecados, ou até mesmo fornecer algum tipo de expiação metafísica para o indivíduo. Os pressupostos antropológicos do analista são diferentes dos pressupostos antropológicos do padre, e nesse sentido por mais próxima que seja a prática da escuta em ambos, os seus pressupostos diferentes



fazem com que a prática analítica não possa ser encarada como uma função religiosa, e nem a função religiosa possa ser reduzida a uma prática analítica. As diferenças entre tais práticas promove não a exclusão mútua, mas o diálogo entre as duas áreas para que a partir do diálogo ambas as áreas saiam enriquecidas. O analista sabendo reconhecer o valor que a religião tem na vida do sujeito, o valor que o padre pode exercer na estrutura psíquica do sujeito, e o padre sabendo reconhecer que ele não é capaz de suprir todas as demandas do indivíduo, mas que às vezes será necessário contar com um auxílio exterior à igreja.

Referências

BÍBLIA SAGRADA. (1966) Tradução de João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. 3ª. ed. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulinas, Loyola, Ave-Maria, 1993. Também disponível em http://www.vatican.va/archive/cathechism_po/index_new/prima-pagina-cic_po.html acessado em 01/09/2016

FREUD, Sigmund. (2006) *A dinâmica da transferência*. Rio de Janeiro: Imago. Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. ESB. Vol XII.

FREUD, Sigmund.(2006) *Recordar, Repetir e Elaborar. (Novas recomendações sobre a técnica da Psicanálise II)*. Rio de Janeiro: Imago. Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. ESB. Vol XII.



FREUD, Sigmund. (2006) *O futuro de uma ilusão*. Rio de Janeiro: Imago. Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. ESB. Vol. XXI

FREUD, Sigmund. (2006) *O mal-estar da civilização*. Rio de Janeiro: Imago. Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. ESB. Vol. XXI

FREUD, Sigmund. (2006) *Fragmento da análise de um caso de histeria*. Rio de Janeiro: Imago. Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. ESB. Vol. XXI. ESB Vol VII

FREUD, Sigmund. (2003) *Cartas entre Freud & Pfister (1909 - 1939) um diálogo entre a psicanálise e a fé cristã*. Viçosa: Ultimato.

KOLTAI, Caterina. (2012) O inconsciente seria politicamente incorreto? **Reverso**, Belo Horizonte, v. 34, n. 63, p. 33 - 43, Jun.

MORANO, Carlos Dominguez. (2003) **Crer depois de Freud**. São Paulo: Loyola.

MORANO, Carlos Dominguez. (2006) *Experiencia Cristiana y psicoanálisis*. Editorial Sal Terrae. Maliaño.

i Optamos por inserir o termo “fusional” para indicar a relação do bebê com a mãe durante os primeiros anos de vida, em que o bebê não se difere da mãe, pensando ser os dois uma só coisa. Os diversos estudos de Melanie Klein mostrará como se dá essa separação nos bebês.

ii Essa é a posição defendida por Macalpine em um artigo desenvolvido no ano de 1950 intitulado “The development of the transference.” publicada no *The Psychoanalytic Quarterly* XIX (1950) pp 501-539

iii

Oskar Pfister nasceu em Wiedikon, subúrbio de Zurique, em 23 de fevereiro de 1873. Seu pai era um pastor de caráter liberal, e sua mãe, uma mulher simples e puritana. Pfister estudou Teologia em Zurique, sob influência de Hegel, Strauss, Schleiermacher, e Teologia Crítica com pensadores como Hermann Kutter e Leonardo Ragaz, introdutores de ideias socialistas no campo da Teologia e Pastoral.



Depois de sua formação em Teologia, Pfister obteve o doutorado em filosofia, no qual defendeu uma tese relacionando problemas da Filosofia de sua época à psicologia das religiões a partir da obra do teólogo suíço Bierdermann, que tinha como principal foco aproximar a Religião com a razão. Pfister se envolveu com a Psicanálise a partir do seu contato com Jung, que lhe apresentou a Freud em 1909. Deste primeiro contato, desenvolveu-se uma grande amizade entre Pfister e Freud que perdurou até a morte do último.

iv

Cf. FREUD, Sigmund. *Cartas entre Freud e Pfister (1909-1939): um diálogo entre a Psicanálise e a fé cristã* (2009).

v

O termo utilizado por Freud é o termo *seelsorger*, que significa “o religioso que cuida das pessoas de uma igreja e as dirige para Deus” (seele = alma; sorgen = cuidar, prover, preocupar-se por).